



## “AINDA SEM NOME”

Bethyna Vitória de Jesus\*

Às vezes, eu preciso me olhar no espelho para lembrar que sou humano. Eu mexo meus dedos, brinco com as sobrancelhas, toco meus cabelos. Tento de toda forma sentir que não sou só o que vejo. Saio com o cabelo desalinhado, a roupa meio amassada, o olhar alheio, e é engraçado porque não parece um problema até as outras pessoas ficarem me encarando por mais tempo do que considero normal. E eu caminho, sinto a areia nos pés, a maresia no rosto, ouço os sons da avenida ao longe, mas todas essas sensações parecem ser só sensações, como se eu fosse apenas um aglomerado de sentidos. Se sou uma árvore de muitos galhos, um mar de ondas revoltas, uma música feita de trovoadas, eu não sei, o que sei é que o que quer que signifique ser alguém perdeu o sentido para mim há muito. Eu até cheguei a pensar que existir bastava, mas quando me dei conta de que minha presença parecia sempre depender de algo que estava além de mim, como se eu não pudesse ser humano por mim mesmo, concluí que somente existir era, na verdade, difícil. Não sei se estou me fazendo entender, mas a questão é que já faz um tempo que não me sinto humano.

Tente se imaginar no meu lugar. Esqueça que tem seu coração, seus pulmões ou suas vísceras. Esqueça sua forma, seu corpo, esqueça tudo. Como você se vê? Algo que pode sentir com os dedos? É algo que você consiga explicar? É como se a cada momento eu tivesse que me forçar a ver algo, porque senão, me sinto como grãos de areia pairando por aí, me sinto afogado, procurando cada parte, um formato, e não encontro nada senão vazio. O que tenho como humano não parece ser o que sou, é como se houvesse algo além que eu não conseguisse exprimir, uma coisa que vai se avultando em mim e tirando meu ar. Tudo o que sei sobre essa coisa sem forma é que ela tem um sabor amargo e ferroso. Isso tem me angustiado, mas já, já o meu chefe dá uma ordem, eu enrolo, tomo um café, cumprio, e o resto é fácil de imaginar.

Quando estou no trabalho, na faculdade, em uma roda de amigos, vendo as pessoas interagirem, percebo o quão exausto estou por pensar nisso,

cansado de tentar me entender e de performar o que quer que seja. Fico meio impaciente e frustrado até. Eu não sou humano, não sei o que sou, nem o que quero ser. Sei que música gosto, qual meu filme favorito, o tipo de lugar que quero estar, mas essas coisas não me parecem dar uma certeza de algo, são como casualidades de algo muito maior, que se espreita como uma sombra. E às vezes, como nos domingos à noite, essas coisas também parecem se perder.

De toda forma e lugar que essa dor me atinge, o espaço que coloca entre mim e aqueles que me rodeiam é o pior, porque eu gostaria de estar por perto, mas sempre falho. Porque às vezes, quase sempre, sinto como se vagasse por aí como um objeto esfacelado, tendo que caçar cada parte perdida, e tudo parece tão disperso que nem o que sinto parece verdadeiro. Nem a tristeza, nem a alegria. Estar por perto, então, se torna um fardo, porque é quando me percebo distante. Que humanidade haveria em alguém que, inconscientemente, transpõe uma barreira entre si e quem ama por não se sentir real a ponto de se permitir simplesmente sentir?

Foi por isso que Mai foi embora sem alardes. Eu acho. Eu me apegava a realidade que construímos juntos, vagava pelo som da sua voz, o calor de seu abraço e o nervosismo ante sua proximidade. Mas bastava um desvio de olhar, bastava que eu me distraísse um segundo, que então me sentia um fracasso de novo, porque tomava consciência de que nem mesmo nos melhores momentos deixava de me sentir vazio. Era como se entre mim e ela sempre fosse haver essa barreira de dissociação. E quando eu pensava nisso, morria um bocado mais. E deixando pequenas partes de mim morrerem, eu tirava também uma parte de quem amava. A conclusão a que eu chegava todas as noites era de que eu jamais retribuiria seu amor como ela o fazia. E depois disso, acabava me sentindo um nada. Por isso, deixei de olhar seu rosto e seus olhos, porque era quando reconhecia minha ausência. Era quando seu amor me soava estranho. No fim, sua partida foi o melhor. Nunca tivemos algo que fosse nomeado, afinal. Mas doeu. E doeu ainda mais por ser silencioso. Um fim sem ponto final te deixa deslumbrar algo, mas há tempos que eu não me via em um cenário muito longe. Assim como eu, aquilo que tínhamos também não tinha forma, e se perdeu.

Foi em uma noite dessas que, olhando para o teto, pensei que, quando perdemos algo de nós, quando deixamos que algo nos escape, mesmo que a

---

\* Graduada do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e centelha em algumas horas da noite. E-mail: bethynajesus@gmail.com.

perdemos tentando formar uma redoma para que justamente não se perca, assim, também nos afastamos um pouco da realidade. A sensação é como voltar de um velório e ficar a beira da mesa mastigando, mastigando e mastigando a ausência de quem se foi. Só que o lugar vazio à mesa é o nosso, ninguém se foi, foi algo inerente a nós que se perdeu, e é por isso que é tão doloroso, porque por não sabermos o que é e onde foi parar, não sabemos como procurar, só aceitamos que nunca mais nos encontraremos. A partida de Mai trouxe isso à tona: por perder algo meu — não sei o que e nem onde — perdi alguém que amava. Sempre me perdendo e voltando a mim, sempre tendo que estar atento aos pormenores para não me perder completamente, deixei que as coisas à minha volta se escapassem. Esse também é um luto. Enfim, foi um pensamento que me ocorreu em uma dessas noites.

Quando cheguei no escritório hoje pela manhã, Dan me disse que a encontrou. Ela estava tomando um café enquanto lia um livro que ele não se preocupou em descobrir qual era. Os dois se reconheceram, conversaram brevemente e ela me mandou um abraço, pouco antes de ir embora. Até onde Dan pode esquadrihar, ela estava bem, e fiquei feliz por isso. Nunca acreditei muito na conversa de que estamos destinados a alguém, porque acho que é um tipo de determinismo que pode se tornar atroz, mas quando o assunto era quem eu sou, sempre fiz muito uso disso, como se houvesse uma única forma de ser e eu ainda não a houvesse encontrado. Agora, enquanto o dia acaba e uma chuva fina cai, tenho até vontade de rir, porque reconheço que sou meio bobo nisso. Digo, nada nesse mundo é estável, os dias correm, as ondas quebram, as pessoas mudam e nossos relacionamentos também. Então, não existe um jeito certo de ser. Nem lugar certo ou pessoa errada, nem vice-versa. As coisas só existem e fluem. Se deixarmos, pelo menos. Mas eu passei muito tempo sendo rigoroso comigo mesmo, procurando a pessoa que deveria ser e o lugar que deveria estar, então talvez eu ainda me sinta meio perdido hoje à noite.

Mas ainda me levantei, joguei o cigarro fora, entrei no escritório, fui até o banheiro e, por um tempo, fiquei me olhando no espelho.